

DOI: 10.20911/21799024v16n1p4/2025

Itinerários contemporâneos: filosofia e teologia entre o mistério, a palavra e a esperança

A presente edição da *Pensar - Revista Eletrônica da Faje* reúne um conjunto de artigos filosóficos e teológicos que, embora distintos em temática e abordagem, convergem em torno de um mesmo horizonte: compreender a experiência humana em sua abertura ao mundo, ao outro e ao Mistério. De um lado, a filosofia explora dimensões religiosas, éticas, linguísticas, estéticas, tecnológicas e interculturais, evidenciando a fecundidade do pensamento em diálogo com diferentes tradições e sublinhando a necessidade de enfrentar os desafios contemporâneos à luz de heranças clássicas e de perspectivas críticas. De outro, a teologia oferece um olhar plural sobre a missão da Igreja, a mensagem bíblica e a prática educativa cristã, mostrando que a fé, enraizada na tradição, só cumpre sua vocação ao dialogar criticamente com o presente e a se dispor criativamente a novos horizontes de esperança.

A seção **Artigos Philo** se abre com *O Fenômeno Religioso e o Desafio do Pluralismo*, que estabelece o tom inicial ao problematizar a legitimidade da religião como objeto de reflexão filosófica e ao evidenciar a necessidade de um diálogo inter-religioso que respeite a diversidade sem reduzi-la a uma homogeneidade artificial. A análise das dificuldades conceituais do termo “religião” e a defesa de uma abertura ao pluralismo religioso situam a filosofia diante de um tema incontornável: compreender a religião não apenas como fato histórico ou cultural, mas como dimensão constitutiva da existência humana.

A reflexão ética ocupa lugar de destaque no artigo *Dimensões subjetiva e intersubjetiva do agir ético: a interpretação filosófica da consciência moral e o problema da justiça social*. Nele, evidencia-se que o agir ético não pode ser compreendido apenas no registro da subjetividade individual, mas requer uma dimensão intersubjetiva, na qual a consciência moral se articula às exigências da justiça social. A inseparabilidade entre o pessoal e o coletivo, entre liberdade individual e responsabilidade partilhada, é sublinhada no exame da distribuição

equitativa de recursos e oportunidades, indicando que a ética, para ser efetiva, precisa confrontar as condições concretas de injustiça e exclusão.

O tema da alteridade é retomado sob outro ângulo no artigo *O Outro indizível: uma análise wittgensteiniana do conceito de heterologia em Michel de Certeau*. A partir do diálogo entre a noção certeuniana de heterologia e a filosofia da linguagem de Wittgenstein, o texto mostra que a dificuldade de compreender o Outro transcende o âmbito epistemológico e alcança o nível ontológico-metafísico. O Outro, enquanto sujeito irreduzível, escapa sempre à descrição linguística, revelando que toda tentativa de dizê-lo enfrenta o limite do indizível. Esse reconhecimento abre um horizonte fecundo para as humanidades: compreender que a alteridade, mais do que um problema de conhecimento, constitui um desafio radical que convoca à humildade e à escuta.

O eixo clássico da tradição filosófica reaparece em *A cura pela palavra na tragédia segundo Aristóteles*. Ao explorar o poder terapêutico da palavra na Antiguidade Clássica, o estudo mostra como epopeias, diálogos e práticas médicas já reconheciam a função simbólica e curativa da linguagem. A *Poética* de Aristóteles, ao compreender a tragédia como imitação de ações humanas que despertam terror e piedade, é lida como proposta de catarse e de transformação interior. A palavra, nesse horizonte, revela-se como força capaz de curar, reconciliar e preparar o terreno para práticas modernas de cuidado e psicoterapia.

O pensamento crítico moderno é retomado no artigo *Notas sobre a questão da tecnologia na Dialética do Esclarecimento de Theodor Adorno e Max Horkheimer*. A tecnologia é analisada não apenas como instrumento neutro, mas como elemento decisivo da formação humana, especialmente no âmbito educacional. Inspirando-se na crítica da Escola de Frankfurt, o texto alerta para os riscos da reificação do pensamento e da intensificação da alienação quando a técnica é empregada de modo acrítico. A filosofia, nesse cenário, não se omite: deve oferecer instrumentos de discernimento para que a técnica não se converta em mero mecanismo de dominação.

Em continuidade, a questão tecnológica é novamente tematizada a partir da filosofia da mente e da fenomenologia, no artigo *Os limites da inteligência artificial à luz da fenomenologia contemporânea: inteligência situada e mundo da vida*. Inspirado em Hubert Dreyfus e Edmund Husserl, o texto distingue a inteligência artificial da inteligência humana ao ressaltar a dimensão do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) como horizonte irreduzível da experiência. A crítica à pretensão de equiparar máquinas e homens evidencia que a inteligência humana não é apenas cálculo ou processamento, mas uma forma situada de viver no mundo, enraizada em corpo, cultura e historicidade.

A seção *Philo* se encerra com *Cosmovisão iorubana no Candomblé Nagô*, que amplia o horizonte ao cenário intercultural e inter-religioso. Ao trazer à cena a riqueza da cosmologia africana e sua reelaboração no contexto brasileiro, o artigo mostra como o Candomblé preserva e atualiza a herança iorubana por meio da tradição oral e do papel dos griôs. A análise convida o leitor a reconhecer que a filosofia da religião não pode restringir-se às tradições ocidentais, mas

deve abrir-se à pluralidade de formas religiosas e cosmológicas que constituem a experiência humana.

Em conjunto, os artigos oferecem ao leitor uma travessia pela diversidade do pensamento filosófico: do mistério da religião ao desafio do pluralismo, do problema da justiça social à alteridade indizível, do poder curativo da palavra à crítica da técnica e ao debate sobre inteligência artificial, até o encontro fecundo com a cosmovisão iorubana. O que emerge é um mosaico de reflexões que, longe de fragmentar-se, compõe uma unidade plural: a filosofia como exercício crítico e criativo de compreender o humano em sua abertura ao mundo, ao outro e ao mistério.

A seção **Artigos Theo** se abre com o texto *60 anos do Concílio Vaticano II: uma análise crítica da eficácia de seus resultados à luz das normas ISO*, o qual retoma a memória conciliar e a confronta com ferramentas contemporâneas de gestão. A ousadia da proposta está em mostrar como a Igreja poderia ter potencializado os frutos do Vaticano II se tivesse adotado uma lógica mais eficaz de planejamento e operacionalização, inspirada em princípios de qualidade e avaliação de resultados. Longe de reduzir a Igreja a uma organização técnica, a reflexão evidencia a necessidade de instrumentos adequados para sustentar sua missão pastoral em fidelidade ao Evangelho.

Em continuidade, o artigo *O dever profético da Igreja: perspectivas ecumênicas* aprofunda a vocação da Igreja como comunidade de discípulos chamada a testemunhar Cristo no mundo. O profético, enraizado na tradição hebraica, no ministério de Jesus e no Novo Testamento, é apresentado como categoria vital para compreender a missão eclesial em perspectiva ecumênica. A análise ressalta que, diante de fundamentalismos, radicalismos e violências contemporâneas, a Igreja é convocada a assumir sua função profética: promover justiça, dignidade humana e libertação integral. A recepção latino-americana do Vaticano II é aqui evocada como paradigma de um compromisso ativo com a sociedade.

O horizonte bíblico é retomado no artigo *O anúncio do julgamento em Ap 14,6-13: uma mensagem de esperança e resistência*, que revisita o Apocalipse como mensagem profética de encorajamento em contextos de opressão. A análise destaca três anúncios centrais: o chamado à adoração do Criador, a queda de Babilônia e a condenação dos adoradores da besta, seguidos de uma exortação à fidelidade dos cristãos. Contra interpretações de medo e ameaça, o texto mostra que o Apocalipse é antes um convite à resistência e à esperança: proclama que a última palavra na história pertence a Deus, e não às forças opressoras.

Por fim, *Educação jesuíta: o ser humano com os demais e para os demais* aborda a dimensão educativa da missão cristã. Vinculando a espiritualidade inaciana ao conceito de pessoa, o artigo demonstra como a tradição jesuíta articula formação cognitiva, espiritual e social em vista de um humanismo solidário. A educação aparece como campo privilegiado de mediação entre fé e justiça, contribuindo para a formação de sujeitos comprometidos com o bem comum e abertos à transformação ética e social.

Em conjunto, os artigos mostram a riqueza da reflexão teológica quando articulada em múltiplas frentes: a memória crítica do Vaticano II, a responsabilidade profética da Igreja, a leitura bíblica como fonte de esperança e resistência, e a educação como prática de humanização. Tais contribuições apontam para uma teologia viva, situada e comprometida, que, fiel ao Evangelho, busca responder aos sinais dos tempos com criatividade, coragem e esperança.

Enquanto a filosofia oferece instrumentos críticos para pensar a experiência em suas múltiplas dimensões religiosas, éticas, linguísticas, tecnológicas e interculturais, a teologia ilumina o sentido da fé cristã em seu compromisso com a profecia, a esperança e a formação integral da pessoa.

E, assim, filosofia e teologia, ainda que saberes distintos, se encontram como perspectivas complementares que, diante dos desafios do tempo presente, são chamadas não apenas a exercer uma crítica lúcida, mas também a apontar caminhos de transformação e a manter viva a esperança no futuro.

Luiz Sureki